





**ANCESTRALIDADES, TESTEMUNHOS E O
TRANSCONTEMPORÂNEO, EM “MEMÓRIAS
DE OUTROS TEMPOS”, DE AUGUSTO SARMENTO-PANTOJA**
*ANCESTRALITIES, TESTIMONIES AND THR
TRANSCONTEMPORARY, IN “MEMÓRIAS DE OUTROS TEMPOS”,
BY AUGUSTO SARMENTO-PANTOJA*

José Reinaldo Alves BARROS FILHO¹  

Luana dos Santos RIBEIRO²  

Rodrigo Costa Tenreiro ARANHA³  

RESUMO: Nesta resenha nos proporemos a discutir as principais ideias desenvolvidas no livro *Memórias de outros tempos* (2023), de Augusto Sarmento-Pantoja. O livro em questão é composto por sete capítulos, os quais nos apresentam discussões sobre a memória, a ancestralidade, a resistência, o testemunho e propõe uma nova categoria para que possamos entender os tempos atuais, isto é, o *transcontemporâneo*. O conceito apresenta possibilidades de compreensão sobre a presença e as colaborações da guinada subjetiva e suas pluralidades, sobretudo nas artes e na literatura. Concomitantemente as suas proposições, o autor nos trás fotografias, poesias e memórias pessoais para assomar com nosso estudo e experiência.

Palavras-chave: Transcontemporâneo. Memória. Resistência. Testemunho.

ABSTRACT: *In this review we will propose to discuss the main ideas developed in the book *Memórias de Outro Tempos* (2023), by Prof. Dr. Augusto Sarmento-Pantoja. The book in question is made up of seven chapters, which present us with discussions about memory, ancestry, resistance, testimony and propose a new category so that we can understand current times, that is, the *transcontemporary*. The concept presents possibilities for understanding the presence and collaborations of the subjective shift and its pluralities, especially in the arts and literature. Concomitantly with his propositions, the author brings us photographs, poems and personal memories to complement our study and experience.*

Keywords: *Transcontemporary. Memory. Resistance. A testimony.*

¹ Bolsista de iniciação científica e discente de graduação em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: jose.reinaldo.filho@ilc.ufpa.br.

² Bolsista em Projeto de Extensão e discente de graduação em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: luana.ribeiro@ilc.ufpa.br.

³ Bolsista de iniciação científica e discente de graduação em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: rodrigo.aranha@ilc.ufpa.br.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. **Memórias de outros tempos**: a resistência em tempos transcontemporâneos. Belém: UFPA - EditorAbaete, 2023.

Ancestralidades, testemunhos e o transcontemporâneo

Já na apresentação de *Memórias de outros tempos*, tomamos ciência a respeito dos debates que serão desenvolvidos ao longo do livro. A princípio, Augusto Sarmiento-Pantoja nos ambientaliza no debate sobre a categoria *transcontemporâneo*, fundamentada dentro de uma perspectiva descolonial, formulada a partir das relações com a memória, a história e a cultura.

No debate é primordial pensar no papel da memória e da ancestralidade para que possamos entender os dias atuais. Não é possível, enquanto sociedade contemporânea, não compreender as pluralidades e suas diferenças, essenciais para entender essa mesma sociedade, que se encontra cada vez mais populosa e diversa. Por isso, o autor lançou o desafio de entender o que é o *transcontemporâneo* e o que ele diz sobre nós.

O primeiro capítulo, *Transcontemporâneo: protoensaio sobre o início do século XXI*, propõe reflexões importantes sobre o tempo contemporâneo, a partir da categoria *transcontemporâneo*. A categoria possibilita demarcar e problematizar aspectos fundamentais deste tempo, marcado por inúmeras e complexas mudanças, onde vivemos um frenesi ao sermos expostos a múltiplas experiências, desde as digitais passando pela cultura e às guerras.

Para o autor, a primeira acepção do *transcontemporâneo* compreende que o presente se insere no que o autor chamou de “nova virada cultural sob a influência das protomemórias” (2023, p. 24). Essas protomemórias são constructos ficcionais atravessados por dispositivos de poder cuja função é estruturar uma *Memória coletiva hegemônica* enquanto verdade, sobre o presente e o passado, dispondo-se a ser um quadro referencial norteador da construção das subjetividades. Por esse motivo, o autor problematiza, por exemplo, a arbitrariedade criativa com que a humanidade formulou e organizou seu tempo através dos calendários e da escolha de um evento mítico ancestral como ponto de referência. O conceito *Era das catástrofes* cunhado pelo historiador Hobsbawm é, também, uma formulação do tempo a partir das experiências limites das guerras e aniquilamentos que demarcam o século XX, que para o historiador, tem seu início, não em 1901, mas com a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Essa natureza criativa e seletiva das narrativas que fundamentam a construção de memórias coletivas, de formulações sobre o tempo e sobre a ancestralidade apontam para um outro aspecto do

transcontemporâneo, qual seja: trazer à tona as memórias silenciadas e dá visibilidade a outros modos diferentes de se pensar o mundo, dentro de um prisma que lança luz sobre a pluralidade étnica, estética e cultural de uma sociedade. Nesse horizonte, o autor nos convida a pensar essa diversidade, a partir do próprio espaço ocidental, composto pela “pela cultura latina, a cultura negra, a cultura dos povos originários, a cultura cabocla, a cultura LGBTQUIAP+, a cultura suburbana, entre outras” (2023, p. 32), as quais se relacionam dialeticamente compondo hibridizações culturais, como o feminismo-afro-negro-amazônico. Para o autor, a confluência dessas culturas e suas transformações constituem a própria essência do *transcontemporâneo*, que está em formulação.

No capítulo seguinte, *Memória e a ancestralidade: visões do tempo transcontemporâneo* a reflexão proposta pelo teórico focaliza no indivíduo e em seu processo de subjetivação. Sua estratégia argumentativa, dentro de uma escrita multifocal, estrutura-se a partir da correlação entre uma experiência traumática na infância e a reflexão feita por Platão em *Crátilo* sobre a linguagem. Essa correlação norteia algumas problematizações sobre mito, memória, ancestralidade e subjetividade.

O estudo inicia com o relato de uma experiência traumática, na qual vivenciou dissabores ao não compreender um texto poético ainda muito criança, pois fazia uma leitura lógica, que não considerava alegorias, metáforas e outras nuances literárias. Para ele, esse é justamente o cerne do debate em *Crátilo*, que confronta duas perspectivas sobre a linguagem, quais sejam, uma vinculada à figura do legislador que determina arbitrariamente a nomeação das coisas e outra que compreende os múltiplos sentidos de um texto implicando na necessidade de se “pensar as várias formas de ver e ler o signo que o compõe” (Sarmiento-Pantoja, 2023, p. 45).

Para o estudioso, esse caráter arbitrário e criativo presente na linguagem e, por conseguinte, nas narrativas míticas demarcam tanto o poder como o autoritarismo inerentes a tais formulações hegemônicas monopolizadoras, responsáveis por certas percepções de mundo idealizado, como ocorre constantemente na história do ocidente, quando a vemos vinculada, em grande parte, à ancestralidade greco-latina. Nesse sentido, o *transcontemporâneo* nos ajuda a questionar tais construções possibilitando a compreensão, em razão da pluralidade cultural, de outras memórias vinculadas a outras ancestralidades apagadas, silenciadas e subalternizadas, possibilitando ao indivíduo se reconhecer e se conectar culturalmente a outros mundos. É nessa chave que o autor se vê como um sujeito *trans*, ou seja, como um sujeito formado por ancestralidades múltiplas, como a dos povos originários e as de matrizes africanas. É nessa perspectiva também que ele enfatiza o quanto o conceito o auxiliou na compreensão do mundo e de si mesmo, pois “o tempo

transcontemporâneo se materializa exatamente por nos encontrarmos em constante busca e em conformação com a multiplicidade de seres e identidades que se intercambiam em nós” (Sarmiento-Pantoja, 2023, p. 56).

Já no ensaio *O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter* que compõem o terceiro capítulo da obra, Sarmiento-Pantoja, reflete sobre a sua contribuição teórica, não só para o campo de saber literário, como para outras áreas, ao propor outra categoria para a teoria do testemunho, a saber, o *arbiter*. Essa categoria soma-se aos testemunhos *testis* e *supertes* proposta por Émile Benveniste (1969) e discutidas por Seligmann-Silva (2001, 2009, 2022). Enquanto os testemunhos *testis* e *supertes* notabilizam-se, em função do lugar do indivíduo na estrutura da narrativa testemunhal, daqueles que viveram experiências limites atinentes à guerra e ou outras formas de violência e se destacaram também pela preponderância da faculdade da visão, o que por mais fundamental que elas sejam, não dão conta de contemplar os rastros de memórias, ancestralidades e vivências deixados pelas políticas de memoricídio e aniquilamentos, produzida, especialmente nos séculos XX e XXI.

Nesse sentido, mediante a essa pluralidade das experiências coletivas no âmbito do transcontemporâneo, essas duas categorias, necessitam também do mediador, daquele que escuta os testemunhos dos que viram e/ou vivenciaram uma experiência traumática. Esse mediador ao escutar, selecionará e organizará sua narrativa visando expor essas narrativas. Essa é justamente a natureza do testemunho *arbiter*, que de acordo com o autor “realiza um juízo de valor, pois o narrador por acreditar no que ouviu, transmitirá o que considera verdade, mas o contrário também é possível, pois se há algo que não entende ou não aceita, modelará seu testemunho para que ele seja mais bem recebido” (Sarmiento-Pantoja, 2023, p. 71). O teórico também mobiliza a discussão em torno da categoria *arbiter* para refletir sobre as conotações de poder e de gênero que marcaram historicamente as acepções de testemunho *testis* e *supertes*.

Em seguida, encontramos o tempo *transcontemporâneo*, no capítulo *Fotografia, Memória e transcontemporaneidade*, uma curta reflexão por meio de um ensaio fotográfico para refletir a apreensão estética, por representações de natureza oníricas, ligadas às apreensões visuais. Um exemplo são imagens sobre o Rio Tejo; ou a memória e a história de eventos autoritários, mediados pelo Campo de concentração de Dachau; a resistência nas artes de ruas, como a grafiteagem na Serra da Estrela. A partir disso, dialeticamente, o autor reflete sobre a memória e o esquecimento, o passado e o presente, o lugar e o não lugar transcontemporâneo.

No capítulo *Formas de memória*, por sua vez, pensa sobre a memória, categoria essencial na constituição de nossas individualidades e coletividades, como já firmado por outros autores que discutem a chave. Sob essa perspectiva, o autor reflete sobre quatro possibilidades de memória, são elas: a memória histórica; a memória mítica; a memória genética; e a memória protética.

À luz dessa concepção, vejamos do que se trata cada um desses conceitos: a memória histórica nada mais é do que a memória oficial, “um constructo estabilizado e consolidado em um tempo relativo a um evento ou a percepção dele” (Sarmiento-Pantoja, 2023, p. 104). Todavia, esse constructo está sendo elaborado por mais vozes, bem como estão sendo problematizados os esquecimentos produzidos desses acordos que historicamente vem favorecendo uns em detrimento de outros. Esse novo cenário é uma das características do já citado tempo *transcontemporâneo*.

A memória mítica, por sua vez, se trata da memória oriunda dos pilares das culturas, crenças e mitos de uma determinada comunidade, população ou nação. Segundo Sarmiento-Pantoja, “a construção e ou imposição de comportamentos e padrões sociais são produzidas por conta dessa forma de memória” e “a manutenção ou não dessa memória mítica está vinculada aos processos coletivos e individuais de experimentação dos interditos” (Sarmiento-Pantoja, 2023, p. 107), nesse sentido, se trata de uma memória construída a partir da potência de uma experiência que foi mitificada.

Já a memória genética, corresponde à memória biológica presente em nossos genes enquanto espécie, enquanto animais. Esta memória não está relacionada a nenhuma forma de determinismo, mas sim a uma forma de compreender traços, trejeitos e personalidades que passam “de geração em geração, que identifica particularidades de uma descendência.” (Sarmiento-Pantoja, 2023, p. 108).

Finalizando as formas de memória, temos à memória protética, como uma memória construída no relato de outrem, sobre o vivido por si. Ou seja, aquela que foi implantada e assomada a nós mesmos pelo relato daqueles que viveram algo que não lembramos. A seu respeito, o pesquisador escreve “nas agruras da memória, temos também mecanismos de defesa ou de vergonha, a necessidade de deixar no limbo da memória o que interditamos ou desejamos não lembrar” (Sarmiento-Pantoja, 2023, p. 111).

Todas essas formas de pensar a memória são, nada mais que formas de se ver e pensar o passado, pois o passado significa todo o processo que nos construiu como subjetividades que agora nos apresentamos. O passado é uma forma de entender o agora, de entender a nós mesmos, de entender o *transcontemporâneo*.

Em *Um território outro*, destaca-se a questão da demarcação temporal inicial e como ela é importante para compreender as múltiplas narrativas cosmogônicas de maneira plural para não cair no perigo da história única. Como também, entender os mecanismos de silenciamentos os quais as sociedades capitalistas modernas produzem e que afetam as nossas percepções e a transmissão de saberes ancestrais. Por intermédio das narrativas dos povos originários, como o mito Tupy-Guarani, Yanomami e Xavante, o autor mostra a *babelidade* de nossas origens e uma pluralidade cosmogônica resistente à origem única que gera dualidade do bárbaro e do civilizado.

No último capítulo do livro, *As vozes apagadas*, será problematizada a validação de algumas vozes em detrimento do apagamento de outras. Essa validação, segundo o autor, está fincada nas relações de poder que se estabeleceram historicamente e que colocam existências não homogêneas em situação de subalternidade, produzindo o silenciamento de seus discursos, manifestações e necessidades sociais.

Segundo o teórico, estamos vivendo a era dos sobreviventes, sobreviventes das guerras que emergiram no século XX, e por isso, estamos vivendo a era dos testemunhos sobre esses momentos de catástrofes. Dentro desse viés, há uma guinada na valorização desses sobreviventes que são de gêneros, raças, credos e condições socioeconômicas múltiplas. Essa valorização do testemunho das subjetividades é uma realidade “muito marcante no século passado e no século presente” e que “tem tomado grande espaço, a ponto de se compor como um gênero literário, artístico e cultural” (Sarmiento-Pantoja, 2023, p. 132).

Não é possível falar de testemunho sem falar de resistência, pois como afirma o autor, a sobrevivência ajuda na “ampliação do conceito de resistência” (Sarmiento-Pantoja, 2023, p. 132), propiciando o testemunho da resistência, nesse sentido ele propõe uma nova categoria, a *Resistência das Existências*, a qual não se trata “de um grupo específico, mas de uma guinada transcultural, que passa a constituir existências sufocadas nos espaços sociais” (Sarmiento-Pantoja, 2023, p. 133).

Para melhor demonstrar como se dá a presença dessa nova figuração de resistência, embora não seja a mesma proposta por Alfredo Bosi em sua formulação de resistência imanente, foi a partir de suas proposições que germinaram as reflexões de Sarmiento-Pantoja. O pesquisador analisa as personagens femininas de *O Karaíba: uma história do pré-Brasil* (2010), de Daniel Munduruku e *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, as quais já possuem suas vozes ouvidas, devido à emergência da *resistência em tempos transcontemporâneos*.

Como citar esta resenha

BARROS FILHO, José Reinaldo Alves; RIBEIRO, Luana dos Santos; ARANHA, Rodrigo Costa Tenreiro. Resenha de “Memórias de outros tempos”, de Augusto Sarmiento-Pantoja. **Revista Narrares** – V.2, N.1, Jan-Jun, 2024, pp. 161-166.